

ESPIRITUALIDADE CRISTÃ: Fonte de sentido em momentos de crise¹

CHRISTIAN SPIRITUALITY: Source of meaning in moments of crisis

Edna Maria de Lima Silveira²

Vanildo de Paiva³

Resumo: Na pós-modernidade vive-se a era de tecnologias avançadas, da globalização e do consumo em massa. A sociedade é marcada por novos comportamentos, baseados em valores hedonistas e individualistas, e por relacionamentos sem profundidade. O homem pós-moderno se voltou para seus desejos e caprichos, e se tornou indiferente às questões espirituais. Mas a busca pela satisfação dos desejos não trouxe a felicidade, mas sim, o vazio existencial, o tédio, a angústia e a depressão. O buraco que se formou foi a “saudade de Deus”, resultando em uma busca contemporânea por algo espiritual. Destaca-se pela explosão religiosa que se manifestou através da multiplicação de variadas e novas denominações religiosas. E, principalmente, nos momentos de crise, de dor e sofrimento que o “eu espiritual”, dimensão intrínseca à constituição humana, é chamado a emergir e buscar os valores que realmente valem a pena. Faz-se necessário que o ser humano vá além de si e veja no “outro” a possibilidade de encontrar sentidos autênticos de valores. A espiritualidade é o canal para que isto aconteça, e ela produz sentimentos positivos de alegria, entusiasmo e vontade de viver. Na espiritualidade cristã firma-se a fé na pessoa de Jesus Cristo que, de forma humanizadora, abre as portas do coração do homem para Deus e para o outro, e isto resulta no sentido da vida.

Palavras-chave: Pós-modernidade. Crise. Sentido. Transcendência. Espiritualidade.

Abstract: In postmodernity one lives the era of advanced technology, globalization and mass consumption. The society is marked by new behaviors based on hedonistic and individualistic values, and without deep relationships. The postmodern man turned to his desires and whims, and became indifferent to spiritual matters. But the quest to satisfy the desires did not bring happiness, but rather the existential emptiness, boredom, anxiety and depression. The hole that was formed was “longing for God”, resulting in a contemporary search for something spiritual. It stands out for religious explosion which was manifested by multiplying varied and new religious denominations. And, especially in times of crisis, of pain and suffering that the “spiritual self” intrinsic dimension to the human constitution, is called to emerge and seek the values that really are worth it. It is necessary that the human being goes beyond itself and see the “other” the possibility of finding authentic sense of values. Spirituality is the channel for this to happen, and it produces positive feelings of joy, enthusiasm and will to live. In Christian spirituality firm to faith in the person of Jesus Christ, of humanizing way, opens the doors of the human heart to God and to each other, and this results in the sense of life.

Keywords: Post-Modernity. Crisis. Meaning. Transcendence. Spirituality.

Introdução

Há dentro de nós uma chama sagrada coberta pelas cinzas do consumismo, da busca de bens materiais, de uma vida distraída das coisas essenciais. É preciso remover tais cinzas e despertar a chama sagrada. E então irradiaremos. Seremos como um sol. (Leonardo Boff)

¹ Artigo recebido em 30 out. 2023 e aprovado para publicação em 14 dez. 2023. DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.10736561>.

²Especialista em Psicologia e Espiritualidade pela Faculdade Católica de Pouso Alegre (MG); especialista em Educação Especial Inclusiva pelo Centro Universitário Faveni; e-mail: ednalimasilveira@gmail.com.

³Mestre em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas; docente na Faculdade Católica de Pouso Alegre (MG); e-mail: vanildopaiva@hotmail.com.

A afirmação da vida é um ato espiritual pelo qual o ser humano cessa de agir de modo irrefletido e começa a respeitar sua vida para apreciar seu verdadeiro valor. (Albert Schweitzer)

Vivemos na era da pós-modernidade, uma época marcada pelos avanços tecnológicos e científicos e com mudanças que transformaram o modo de viver das pessoas desta época. O mundo globalizado, possibilitando o acesso às informações instantâneas, também oferece um leque de possibilidades de consumo, de bens, de entretenimento, de escolhas, nos diversos setores da sociedade. Diante de tanta diversidade de valores, o homem pós-moderno também se transformou, seduzido pela mercantilização dos seus desejos e culto ao prazer, tornou-se individualista e narcísico. Fechado em si mesmo, o homem vive o presente enlevado com os prazeres da vida moderna de forma superficial e materialista, ofuscando seu eu espiritual. Ele deixou Deus de lado, e se tornou um eu fraco, que vive um vazio sem questionamentos.

Porém, diante das incertezas, do estresse da vida moderna, dos momentos de crise, de perda, de dor, este eu pós-moderno sofre pela aparente falta de sentido.

O presente trabalho tem a intenção de abordar o valor do sentido da vida no mundo contemporâneo, buscando significados, principalmente nos momentos de crise e sofrimento, apontando a espiritualidade como fonte restauradora e transformadora. Os temas tratados serão: pós-modernidade, crise, sentido, transcendência e espiritualidade.

No primeiro tópico do trabalho veremos a pós-modernidade e a questão do sentido; neste item serão apresentados, as propostas de sentido da pós-modernidade, o vazio existencial que perpassa o homem pós-moderno e o sentido da vida na perspectiva de Viktor Frankl⁴.

No segundo tópico serão abordados a questão da crise como oportunidade de crescimento e transformação, tendo por base o pensamento de Leonardo Boff⁵, e também o sofrimento como sentido na perspectiva de Viktor Frankl.

E, finalizando, veremos a abordagem da dimensão espiritual através dos itens: “Espiritualidade: saudade de Deus” e “Beber da fonte da Espiritualidade Cristã”, bem como de exemplos de vida e superação, tendo a transcendência e a espiritualidade como suportes.

⁴ Viktor Emil Frankl, médico psiquiatra e doutor em filosofia, professor de neurologia e psiquiatria na Escola de Medicina da Universidade de Viena, fundador da Logoterapia. Sobrevivente do campo de extermínio nazista durante a 2ª Guerra Mundial (Frankl, 1991, contracapa).

⁵ Leonardo Boff, doutor e professor em Teologia e Filosofia no Brasil e na Alemanha. Ajudou a formular a teologia da libertação. Autor de mais de 70 livros e em 2001, por seu compromisso com a justiça dos pobres e com a ecologia, foi agraciado com o Prêmio Nobel alternativo da paz (Boff, 2008, contracapa).

Os temas tratados neste trabalho são assuntos das áreas de Psicologia e Espiritualidade à medida que buscam a compreensão do sentido da vida em tempos modernos, principalmente em momentos de crise, integrando as duas dimensões psicológica e espiritual, de forma a atender o homem em sua plenitude.

Para alcançarmos os resultados almejados neste trabalho, optamos por uma revisão de literatura, tendo como objetivo comparar pensamentos de autores, fomentar um diálogo entre eles e também compartilhar resultados de outros estudos que tenham o mesmo propósito. Para tanto, fez-se uso de uma diversidade de fontes, tais como: pesquisa em livros pessoais e uso da biblioteca da Faculdade Católica de Pouso Alegre, entrevistas e palestras registradas em audiovisuais, artigos encontrados em web sites, todos devidamente citados na referência bibliográfica ao final desse artigo. A partir da aprovação do projeto, foi iniciada a pesquisa bibliográfica, com compilação dos temas correspondentes e anotações de dados bibliográficos, e sua discussão.

Esperamos que a produção deste trabalho possa beneficiar aqueles que buscam compreender a questão do sentido e seus valores, também acadêmicos das áreas de Psicologia e Espiritualidade, de maneira a poder ajudar o crescente número de pessoas que sofrem pela aparente falta de sentido.

1 A pós-modernidade e a questão do sentido

A humanidade pós-moderna é marcada pelos avanços tecnológicos nos diversos setores da sociedade, a saber: economia, ciência, cultura, educação, dentre outros que influenciam novos comportamentos sociais e familiares. Vive-se no mundo globalizado, na era do consumo de massa e das satisfações imediatas. Por outro lado, há o enfraquecimento da sociedade, dos costumes e de suas tradições, ocasionando posturas de niilismo e de falta de sentido. Os valores, a ética, a moral sofreram mudanças e influenciam a vida política, econômica, social e afetiva do ser humano.

O homem pós-moderno vive diante das incertezas, pois o mundo não está mais definido e estruturado pelos valores do amor, do trabalho e da família, mas um mundo em transformação. Enrique Rojas em seu livro *El hombre light* (1996) citado por Barth (2007) caracteriza este homem como o “homem *light*”, aquele sem substância, sem compromisso ou projeto de vida, consumista, sem opiniões e sem valores transcendentais. (Rojas, 1996, *apud* Barth, 2007, p.92). A ideia de *light*, de algo superficial e transitório, explicita bem a condição do homem contemporâneo.

Na pós-modernidade se constata uma diversidade de modos de vida e subjetividades diferentes, com novos comportamentos, considerando o leque de opções, de informações e dos valores hedonistas que estão presentes em nossa época.

Lipovetsky (2005, p. 17) destaca o processo de personalização que se caracteriza por esta nova maneira da sociedade organizar estes novos comportamentos, não mais pela tirania dos detalhes, das regras autoritárias e disciplinares, mas com novos procedimentos, de liberdade, respeito às diferenças, culto à liberação pessoal, transformando-a em uma sociedade mais flexível, baseada nas escolhas privadas e nos desejos.

Desta maneira, para este autor, este processo é positivo, pois liberta o homem das regras e das amarras do passado, oferecendo a ele a possibilidade de ser quem ele é, sem se preocupar com opinião de outras pessoas, podendo aproveitar a vida como bem entender.

O individualismo hedonista da pós-modernidade tornou-se natural à medida que os estilos de vida foram transformados pela mercantilização dos desejos e das necessidades, resultando um sujeito focado no culto ao prazer, ao corpo e à estética.

Assim, a sociedade do consumo pós-moderna passou a ser comandada por uma nova estratégia caracterizada pela tendência global à “sedução à *la carte*”, levando a maioria das pessoas a permanecer mergulhada em um universo que lhe oferece cada vez mais opções e combinações sob medida, permitindo circulação e escolhas livres de uma diversificação cada vez maior de bens e serviços (Lipovetsky, 2005, p.2).

As relações interpessoais também são afetadas pela cultura do consumismo, transformando-as em relações descartáveis. Diante de tantas opções, tudo é superficial e transitório, conforme afirma Rubio (2009, p.76): “Acréscimo que a forte tendência à comercialização e ao consumo afeta todos os aspectos da vida, também a qualidade das relações entre as pessoas”.

Da mesma forma, as características do individualismo e narcisismo interferem nessas relações, transformando-as em relações sem profundidade. Não há compromisso entre as pessoas, e ninguém se arrisca em relações estáveis: “Levados pela subjetividade fechada, acabamos vivendo relações desumanizadoras, relações que coisificam e instrumentalizam a outra pessoa, impedindo ou obstaculizando que ela seja fiel à sua identidade pessoal” (Rubio, 2009, p.81).

O individualismo interfere também nas relações familiares, preocupadas com seus próprios desejos e escolhas. As pessoas coabitam, mas não mais dialogam, entretidas em suas mídias tecnológicas, e já não se conhecem mais.

Nesta sociedade pós-moderna reina a indiferença para a dimensão pública, pois há uma deserção em massa do corpo social, transformando-o em um organismo desativado.

Um dos motivos para o esvaziamento do espaço público se dá pela evasão de privacidade, através das mídias e redes sociais na internet, ocasionando um alargamento do espaço privado dentro do público, ou seja, um turbilhão de informações fúteis da vida privada que invade a dimensão pública e que nada acrescenta a este espaço, como afirma Sibília (2008, p. 61): “Assim foram se consolidando as tiranias da intimidade, que compreendem tanto uma atitude de passividade e indiferença com relação aos assuntos públicos, quanto uma crescente concentração no espaço privado e nos conflitos íntimos”. Digno de nota é também o desinteresse do cidadão por mobilizações por ideais ou causas públicas. A maioria das pessoas não acredita mais nas virtudes do esforço, da economia, da consciência profissional, na autoridade, na família e nem mesmo na Igreja, o que resultou na desintegração destas instituições e seu poder de mobilização, como sugere Lipovetsky (2005, p.18-19),

A mídia, comandada por grupos dominantes, influencia na forma de pensar da sociedade, de acordo com seus interesses econômicos, políticos e culturais, resultando uma alienação em massa. As pessoas se preocupam com futilidades, como novelas, futebol, ou se distraem expondo sua privacidade no *Facebook* ou no *Instagram*, e não se preocupam com assuntos relevantes, que refletem em sua vida e na sua comunidade, como a educação, a economia e a política. Podemos verificar este modelo de alienação nas palavras do professor e escritor Daniel Silvio, em sua coluna no portal do jornal “O Povo *online*”:

Indivíduos de hoje gastam praticamente metade do seu dia pensando ou se preocupando com futilidades. O mercado financeiro em crise, natureza em fúria, corrupção crescente, violência desenfreada, analfabetismo, fome, caos no trânsito, não preocupam a cabeça de um autêntico brasileiro mais do que o próximo capítulo da novela das 21h ou o jogo da seleção das firulas. Milhões sentados à frente do seu quadrado mágico (agora em versão plasma) vivem num mundo onírico, ilusório, sem perspectivas de lutar pelo futuro, pela educação (que por sinal, está em queda livre), com uma vibração desmedida que ecoa quase que uníssona em todas as casas e ruas: -gooll! – grita o país. Pura alienação em massa. Atalho fácil, capaz de desviar os olhos do verdadeiro foco da análise crítica sobre os acontecimentos verdadeiramente relevantes, que, de alguma forma terão reflexo na vida de cada um. Isso é uma grande vantagem para os poderosos de nosso país. “Povo ignorante, voto constante.”⁶

⁶SILVIO, Daniel. **Alienação em Massa: Preocupações.** Disponível em: <<http://www.opovo.com.br/app/opovo/jornaldoleitor/2012/02/04/noticiasjornal/jornaldoleitor,2776875/alienacao-em-massa.shtml>>. Acesso em: 04 jun. 2015.

Outra característica da contemporaneidade é o pluralismo, que é consequência da desintegração das instituições citadas por Lipovetsky, pois elas mantinham os sentidos, as tradições, as normas e valores. As pessoas tinham referências a seguirem suas ações cotidianas. Com tantas ofertas de sentidos e valores surgiu o pluralismo, que é exatamente esse processo de existência simultânea de várias visões de mundo, no que diz respeito aos modelos de governos políticos, econômicos, de religiões, dentre outros, o que permite ao indivíduo desfrutar de autonomia para escolha dos modelos que lhe convier.

Neste sistema plural da pós-modernidade há uma aceitação e reconhecimento de diferentes posições, opiniões ou pensamentos. Na esfera política, por exemplo, o pluralismo se caracteriza pela participação de vários grupos sociais, com diferentes ideologias, nos processos eleitorais e a coexistência de vários partidos políticos nas decisões de um governo. Na esfera religiosa, verifica-se pelas diversas formas e maneiras de cultuar o sagrado e o caminho para se chegar a Deus. Na cultura, o pluralismo se destaca pelo respeito ao conhecimento e valorização das diversas culturas étnicas e o modo de viver de cada grupo social, em seus contextos. Assim o pluralismo está presente em vários setores da vida humana.

1.1 Propostas de sentido da pós-modernidade

As propostas de sentido na pós-modernidade estão baseadas no hedonismo, no conforto material e emocional. Na busca de satisfação de seus desejos, de prazer, o homem se torna um eterno insatisfeito e procura encontrar em suas escolhas a felicidade tão sonhada. Segundo Clodovis Boff (2014, p.526): “Certamente, o prazer ou a satisfação dos sentidos foi, desde sempre, a saída mais comum, para responder à busca da felicidade ou do sentido último da vida”.

De fato, o que vemos nesta sociedade pós-moderna é uma busca desenfreada pelo prazer, que apela para o consumismo sem medidas, usufruindo de um leque de opções tecnológicas que o mercado oferece. E quando não se sente satisfeito, o homem busca a felicidade e o sentido em outras formas de prazer, como as drogas e o permissivismo sexual.

Na proposta neo-hedonista, a maior vítima é a juventude, que, pela ausência de um projeto de vida, vive o imediatismo hedonista. Para o jovem pós-moderno, a vida não é um caminho a ser valentemente percorrido para se chegar a um destino, mas uma viagem turística, buscando o que é interessante, curioso, divertido e agradável (Boff, 2014, p.530).

Esta proposta hedonista tem larga aceitação junto aos grupos dominantes e a juventude urbana, mas não chega a se impor às maiorias como estilo de vida, tendo em vista que a vida ordinária do povo não é informada pelo consumo hedonista, mas sim por duas realidades: o amor e o trabalho. O ser humano leva a vida em frente motivado por alguém ou por algo, especialmente as classes populares, pois não podem se dar ao luxo do tomar o prazer como princípio diretivo de vida (Boff, 2014, p.532).

Mas como encontrar sentido nas coisas materiais? Como encontrar sentido em coisas passageiras e voláteis? Esta reflexão se torna necessária. Porém, o homem fechado em si mesmo, enlevado com os prazeres da vida moderna, não tem tempo para refletir sobre tais questões, pois afinal tudo acontece tão rápido. O que resulta é em um vazio emocional, sem questionamentos, sem sentimentos e uma pura indiferença que revela o niilismo, não pela falta de Deus, mas pela falta do sentimento de “sentir falta” de Deus.

Se para Lipovetsky (2005, p.2) a personalização hedonista do homem pós-moderno tem um caráter positivo, pois permite a liberdade de escolhas numa sociedade *self-service*, deixando-o mais livre; para outros autores, esta situação retrata o individualismo narcísico, por meio do qual se exalta o “eu” e a busca do prazer, em detrimento de outras dimensões da vida, ressaltando também a efemeridade das relações humanas e sociais.

O sociólogo Bauman (2007, p.7) aponta a “modernidade líquida” para caracterizar as relações das organizações sociais, em seu caráter efêmero, pois se decompõem e se dissolvem tão rapidamente, que não há tempo de se traçar um “projeto de vida” individual. Essas organizações citadas por ele são aquelas estruturas que limitam as escolhas individuais, instituições que asseguram a repetição de rotinas e padrões de comportamentos aceitáveis e que já não podem se manter por muito tempo, caracterizando sua liquidez.

As características do mundo pós-moderno também são apresentadas pelo sociólogo Kumar (1997, p. 152), que afirma a falta de referências na pós-modernidade, tudo é superficial e temporal, e não há passado e nem futuro, somente o eterno presente.

A cultura das aparências produz um eu voltado ao exibicionismo e à superficialidade, o importante é a imagem e o reconhecimento dos olhos alheios, como afirma Sibilía:

Nesta cultura das aparências, do espetáculo e da visibilidade, já não parece haver motivos para mergulhar naquelas sondagens em busca dos sentidos abissais perdidos dentro de si mesmo. Em lugar disso, tendências exibicionistas e performáticas alimentam a procura de um efeito: o reconhecimento nos olhos alheios e, sobretudo, o cobiçado troféu de ser visto (Sibilía, 2008, p.111).

Podemos refletir sobre este homem pós-moderno que vive como um ser alienado de sua própria condição humana. Pois ele não é só corpo, é também espírito e constrói sua identidade acompanhando a evolução da sociedade. Faz-se necessário sair desta rede que o prende, desta cadeia do narcisismo e do hedonismo, e poder obter respostas para a real finalidade e sentido da vida. O sentido não é o fim em si mesmo, mas ele aponta uma direção.

De acordo com Clodovis Boff (2014, p.23): “Assim, ter um sentido na vida é ter uma direção, um rumo. É ter por onde ir. Numa metáfora, é ter um caminho”.

E quando se encontra o caminho, a vida começa ter sentido, e tudo mais vem por acréscimo: a alegria, a motivação, a razão de ser, a esperança, o amor. No espírito se encontra o sentido último de tudo: Deus. Mas a modernidade ofuscou o interior do homem com desejos e caprichos, e por isso ele vive no mundo sem finalidades.

1.2 Vazio existencial

Clodovis Boff (2014, p.480-481) destaca os resultados gerados deste comportamento pós-moderno: o eu fraco, que diante da “dureza da vida” responde com a fuga (drogas, orgias, suicídio); a dissolução dos laços afetivos, onde as relações conjugais se tornam cada vez mais informais e inconsistentes, cristalizando efeitos niilistas na família; a vida é tediosa, pois, sem contracenar com o céu, a terra ficou plana e chata e tornou-se um deserto. Sem a graça divina, o mundo perdeu a graça, e sem a poesia da fé, tudo é prosa e banal. Também aponta o amesquinamento de tudo, da vida fútil, da mídia infectada pelo vírus da frivolidade e da mundanidade.

Neste cenário atual de niilismo, hedonismo, marcado pelas dissoluções de instituições, sem referências para um projeto de vida e valores fragmentados, o homem pós-moderno se depara com a questão do sentido. May (2002) citado por Silva⁷ destaca uma sensação de vazio em nível social e individual de nossa sociedade, que provém da ideia de incapacidade de fazer algo útil para si e para o mundo. E para evitar a sensação de desespero, futilidade e ansiedade, as pessoas criam defesas se tornando indiferentes e apáticas:

A origem psicológica da experiência do vazio é devido à sensação de vácuo que observamos ao nível social e individual e que não deve ser tomada no sentido de que as pessoas são vazias, desprovidas de potencialidades emocionais. Um ser humano não é oco no sentido estático, como se fosse uma bateria precisando de uma nova

⁷SILVA, Marco. **Os sintomas contemporâneos que elevam ao ato de suicidar-se.** Disponível em: <<http://www.webartigos.com/artigos/os-sintomas-contemporaneos-que-elevam-ao-ato-de-suicidar/109178/>>. Acesso em: 05 maio 2015.

carga. A sensação de vazio provém, em geral, da ideia de incapacidade de fazer algo de eficaz a respeito da própria vida e do mundo em que vivemos. O vácuo interior é o resultado acumulado a longo prazo da convicção pessoal de ser incapaz de agir como uma entidade, dirigir a própria vida, modificar a atitude das pessoas em relação a si mesmo ou exercer influência sobre o mundo que nos rodeia (May, 2002, p. 22 *apud* Silva).

De acordo com Clodovis Boff (2014, p.177), o homem sofre e a atmosfera niilista de desesperança que envolve a cultura atual e as consequências se apresentam sobre três aspectos: tédio de viver, angústia e depressão. Verificando esses aspectos ou momentos à sua fonte última, que é a “rejeição de Deus”, podemos dizer que em um mundo sem Deus, as coisas ficam desencantadas e perdem a graça: é o tédio; as coisas se tornam mais ameaçadoras: é a angústia e, finalmente, as coisas mostram sua face sinistra e aniquiladora perante um eu totalmente desamparado: é a depressão.

O desamparo existencial acontece quando os estímulos da vida moderna já não incitam mais o homem. O tédio é a forma como este vazio se manifesta e a incapacidade de pensar no futuro, pois falta motivação de viver e uma ausência de metas e objetivos.

Para Frankl (1990a, p.15) as causas determinantes do vazio existencial são redutíveis a duas realidades: a ausência da capacidade instintiva e a perda da tradição. Ele explica que ao contrário do que sucede ao animal, nenhum instinto revela ao homem o que precisa fazer. E ao homem de hoje nenhuma tradição diz o que fazer, e não raro, parece desconhecer o que efetivamente quer. Em virtude disso, nele se manifesta a tendência de querer apenas aquilo que os outros fazem, temos aí o conformismo, ou de fazer apenas aquilo que os outros querem, neste caso, o totalitarismo.

Na questão do instinto apontada por Frankl, podemos exemplificar por meio de uma célebre frase do escritor russo Fiódor Dostoiévsky: “A abelha conhece a fórmula de sua colmeia, a formiga conhece a fórmula de seu formigueiro, mas o homem não conhece sua própria fórmula. Porque a fórmula do homem é o relacionamento livre com o infinito”⁸. E a perda da tradição destacada por Frankl é o fator marcante desta época, como já colocado neste trabalho, resultante das dissoluções de instituições e organizações sociais que delineavam os projetos de vidas de épocas passadas.

⁸FODASE, Pedro. **O humano e o fenômeno religioso**. Disponível em: <<https://www.passeidireto.com/arquivo/978592/senso-religioso---pe-paulo---design-1/10>>. Acesso em: 05 jun. 2015.

1.3 O sentido na perspectiva de Viktor Frankl

As propostas de sentido da pós-modernidade estão longe de ressignificar o vazio existencial do homem, pois não contemplam o ser humano em sua plenitude, nas dimensões física, psíquica e espiritual. Integramos o pensamento de Viktor Frankl em nosso trabalho pois a sua teoria aberta à análise existencial possibilita uma compreensão do vazio a partir da dimensão psicológica-espiritual, não de uma forma religiosa, mas por meio de uma análise fenomenológica, na medida em que o homem consegue viver sua autotranscendência e, a partir dela, encontrar um sentido autêntico e pleno. “Assim o homem se realiza, não se preocupando com o realizar-se, mas esquecendo a si mesmo e dando-se, descuidando de si e concentrando seus pensamentos para além de si” (Frankl, 1989, p.29).

O homem é permeado pela vontade de sentido, e está sempre se movendo em busca de um sentido de seu viver (Frankl, 1990a, p.12). Mas a sociedade contemporânea, na medida em que valoriza o imediato e a busca pelo prazer, instiga o homem a se perder nas promessas que trazem felicidade, gerando o consumismo, materialismo, o individualismo e as tendências já apresentadas pelo pensamento de Frankl: o conformismo e o totalitarismo.

Segundo esse autor, não basta satisfazer as necessidades materiais do homem, ainda assim ele estará insatisfeito:

A abundância e não apenas a extrema necessidade, pode fazer surgir no homem a procura de um sentido, ou, como é provável que se verifique, pode frustrar o desejo de sentido. Isto acontece pela abundância em geral e, em particular, por aquela que tem a forma de ócio. Portanto, uma vez que tanto a satisfação como a frustração das necessidades mais baixas podem provocar o homem a procura de um sentido, devemos concluir que a necessidade de um sentido é independente das outras necessidades (Frankl, 1989, p.27).

O que importa ao indivíduo é saber distinguir se seus objetivos são apenas meios de satisfazer suas necessidades ou eles têm significados, ou seja, a capacidade de orientar a própria vida em direção a um “para que coisa” ou um “para quem”, e para isso é necessário transcender o próprio “eu”. O homem deve sempre apontar para qualquer coisa ou qualquer um diverso dele próprio, ou seja para “um sentido a realizar”, ou “para outro ser humano a encontrar”, ou uma “causa a qual se consagrar” ou para “uma pessoa a quem amar” (Frankl, 1989, p.29). Conforme Nietzsche, citado por Frankl (1990b, p.26): “Quem tem por que viver, suporta quase qualquer como”.

Nos argumentos de Frankl percebe-se que, para o sentido acontecer, é necessário definiros papéis em relação à vida, ou seja, é necessária uma nova perspectiva do olhar, pois

não é a vida que dá sentido ao homem, mas é o sentido que o homem dá a vida. Para que isso aconteça, torna-se indispensável ao homem, a transcendência para um outro. Sair do seu narcisismo e enxergar o outro com alteridade, ou algo a fazer que valha a pena viver, amar, sofrer. São os significados que trazem sentido, e eles precisam ser descobertos.

Na psicanálise, Sigmund Freud defendeu o princípio do “prazer” e na Psicologia Individual, Alfred Adler ressaltou a vontade de “poder”. Sobre estes aspectos, Frankl afirma que o prazer configura um efeito colateral da realização de um sentido e o poder se constitui em um meio para um fim, na medida em que a realização de um sentido estiver vinculada a certas condições (Frankl, 1990a, p.13).

Em uma entrevista, Viktor Frankl⁹ destacou que a sociedade industrial e de consumo tentam satisfazer e gratificar cada uma das necessidades humanas e até criam necessidades, mas a necessidade de sentido permanece insatisfeita. Dificilmente se encontrará referência àquilo que é a preocupação mais básica e fundamental do ser humano. Não é prazer, nem felicidade, nem tampouco prestígio (poder), mas original e basicamente seu anseio, seu desejo em encontrar e realizar um sentido em sua vida ou para aquela ocasião, em cada situação particular com que a vida o confronte. E se existe um sentido a ser realizado e a pessoa está consciente disso, então, estará pronta para sofrer, para oferecer sacrifícios e para submeter-se à tensão, estresse e assim por diante (Frankl, 1990b, p.26).

“O princípio do prazer é um artefato psicológico. Na verdade o prazer não é, em geral, a meta das nossas aspirações, mas sim a consequência da sua realização” (Frankl, 2003, p.67). A vida parecer-nos-ia sem sentido, se víssemos no prazer todo o sentido da vida, pois o prazer é decorrente de um processo celular do cérebro, portanto, é um estado (Frankl, 2003, p. 69).

O homem realmente quer, em última instância, não a felicidade em si mesma, mas antes um motivo para ser feliz. Tão logo se sinta motivado a ser feliz, a felicidade e o prazer se fazem presentes. O sentido é único e, ao mesmo tempo, relativo, para cada pessoa. Desta forma, para Frankl (2003, p. 75), toda pessoa representa algo de único, e cada uma das situações de sua vida algo que não se repete. Cada missão concreta de um homem depende relativamente deste “caráter de algo único”. O sentido é subjetivo, visto que não há um sentido para todos, mas sim um sentido para cada um. E também é relativo, pois ele está numa determinada relação com a situação em que a pessoa se realiza e se insere (Frankl, 2003, p.76).

⁹ FRANKL, Viktor E. Entrevista. In: **O que não está Escrito nos meus livros: Memórias**, de Viktor E. Frankl. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=6LpO-xe3Guw>>. Acesso em: 01 maio 2015.

Interessante notar é que Frankl destaca a consciência como um órgão de sentido, tendo ela a capacidade intuitiva para seguir o rastro do sentido irrepitível e único que se esconde em cada situação:

A pessoa tem que atingir e captar o sentido, tem que aprendê-lo, percebê-lo e efetivá-lo, isto é, realizá-lo. O sentido, portanto, em virtude da sua relação com a situação, é também, por seu turno, irrepitível e único; e esta unicidade do “único que se impõe” faz com que o sentido extraído da sua transsubjetividade, em vez de algo dado por nós, seja para nós um dado, por muito que a percepção e a realização deste dependa da subjetividade do saber e da consciência humana (Frankl, 2003, p.76).

Para rebater o niilismo e o ceticismo de princípios vividos atualmente, Frankl diz que é preciso tornar visível a riqueza do mundo dos valores em toda a sua plenitude. Cada circunstância pode se configurar como oportunidade de encontrar sentido. E quando estas circunstâncias nos levam aos sentidos autênticos, nós os chamamos de “valores”. Há uma série de valores fundamentais, cuja realização acontece no modo como o homem se insere numa limitação de sua vida. Frankl destaca três categorias de valores, que são: criadores, vivenciais e de atitudes.

A realização de uma ação, de um trabalho ou a criação de uma obra são os valores criadores, como ele exemplifica: “Um lixeiro que recebeu há alguns anos a cruz do mérito federal, por procurar e consertar brinquedos que encontrava e que depois presenteava crianças necessitadas.” Ele conquistou para sua profissão já plena de sentido, um segundo e ainda mais brilhante sentido (Frankl, 1990b, p.47).

O sentido pode ser encontrado através do que se vivencia em algo ou alguém, a singularidade de amar, são os valores vivenciais. Exemplo: “Um homem amante da música experimentando a beleza mais pura de uma sinfonia”. Segundo ele, um simples momento pode dar sentido, retrospectivamente, à vida inteira (Frankl, 2003 p.82).

E finalmente, a vida ou as circunstâncias podem nos dar uma última oportunidade de realizar valores. São as atitudes tomadas quando somos confrontados com um destino que não se pode mudar. Trata-se de atitudes tais como: a valentia do sofrimento, a dignidade na ruína, a transformação de uma tragédia em um triunfo (Frankl, 2003, p.83).

E é sobre esta última categoria de valor, o sofrimento como um sentido, a capacidade de transformar-se em momentos de crise, que passaremos a tratar.

2 Momentos de crise: oportunidades de transformação

As pessoas na pós-modernidade preferem se acomodarem suas subjetividades e viver sem questionamentos, a terem que buscar respostas às questões de significado. O vazio existencial acaba sendo abafado pelo ritmo de vida moderna e pelos modismos proporcionados pela cultura pós-moderna. Para não sofrerem, as pessoas preferem não pensar sobre isso, e a fuga se transforma em apatia e em tristeza, culminando, muitas vezes, na depressão, que ganhou o nome de “doença do século”. Pelos dados da Organização Mundial de Saúde publicados em 2001, cerca de um quinto dos habitantes do planeta é atingido pela depressão, e essa patologia é hoje a quinta causa de morte, prevendo-se que chegue à segunda posição para o ano de 2020.

2.1 A crise

A crise se instala nos momentos de sofrimento, de dor, angústia, doenças, perdas, e o homem se vê obrigado a encontrar, dentro de si, forças para “aguentar” o que o oprime. Mas a cultura pós-moderna produz um tipo de ser humano que não está preparado para vivenciar momentos de crise.

Clodovis Boff (2014, p.218) afirma que nestes tempos modernos cultiva-se o euperiférico, que diante de momentos de crises da vida, é tentado a tomar o caminho mais fácil e o mais ilusório: o da fuga. E as formas de fugas são muitas. Vão das mais leves, como as distrações da mídia, passam pelas graves, como os “pegas”, os esportes arriscados, a violência gratuita e o sexo berrante; e vão até as formas mais letais, como o uso das drogas e indução ao suicídio.

O autor supracitado elenca outras saídas adotadas pela subjetividade pós-moderna, que tem certa eficácia, mais ou menos imediata, mas que são insuficientes. O uso de antidepressivos, que é hoje promovido por um marketing agressivo, que produz uma crença mágica no poder dos remédios, afetando negativamente o estado emocional das pessoas, transformando em patologias, algumas perturbações emocionais normais como: a tristeza em depressão, o cansaço em estresse, a preocupação em ansiedade, o nervoso em neurose (Boff, 2014, p. 219).

E as psicoterapias que atingem, principalmente, as emoções destravam a liberdade da pessoa, mas não lhe fornecem um conteúdo substantivo para orientá-la, assim como a proposta de adotar um estilo de vida com ingredientes como: alimentação e sono equilibrados,

atividades físicas regulares, lazer; não chegam ao núcleo da questão, que está no eu espiritual (Boff, 2014, p.219).

2.2 A crise como crescimento e transformação

Esse clima de desesperança apresentado por Clodovis Boff como o “mal-estar” dominante é a crise de nosso tempo. Compartilha deste pensamento a análise de Leonardo Boff, que apresenta esta situação de crise generalizada nas culturas, nas igrejas e nas religiões. Contudo, ele apresenta de uma maneira menos sombria, e a saúde como uma ruptura necessária para a abertura de um novo horizonte, tornando-se uma oportunidade de crescimento e transformação.

Mas, para que haja uma transformação autêntica é preciso emergir um eu também autêntico, consciente e capaz de assumir seus problemas, firmando o seu interior em valores verdadeiros de sentidos. No dizer de Leonardo Boff (2002, p.17), em tempo de crise é normal o questionamento dos fundamentos e a sensação de que algo vai morrer, se corromper e se diluir. Nestes momentos de crise vive-se com especial intensidade o *kairós* (momento oportuno de elevação espiritual), no qual o essencial comparece com mais clarividência e busca-se o cerne do problema, que ocasiona tensões, mas também a chance de vida nova, num outro nível e dentro de um horizonte mais aberto.

Conforme sua pesquisa, o sentido originário filosófico da palavra “crise” é extremamente rico. A palavra sânscrita para crise é *krioukir* que significa “desembaraçar” “purificar” ou “limpar” e o português conservou ainda as palavras “acrisolar” e “crisol”. A crise age como um crisol (elemento químico) que purifica o ouro das gangas, e designa um processo de purificação do cerne no indivíduo. Ele afirma que depois de qualquer crise, seja corporal, psíquica, moral, de interior ou religiosa, o ser humano sai purificado e liberta forças para uma vida mais vigorosa e cheia de renovado sentido (Boff, 2002, p.23).

Crise significa ainda em grego: *krisis*, *krínein*, “a decisão num juízo”, e em sua análise, toda situação de crise, para ser superada, exige uma decisão que irá marcar uma nova trilha e uma direção diferente. É no momento de crise que a pessoa questiona radicalmente a si mesma, seu próprio destino e também, o mundo que a cerca. Ela é convocada, não a opinar, mas a decidir sobre algo que irá vivenciar. Por isso a situação de crise é antropologicamente muito rica, pois é uma oportunidade de crescimento (Boff, 2002, p.24).

Podemos comparar estes momentos de crise com o renascer das cinzas da ave fênix, pois são momentos férteis de sentido, quando se faz necessário o recolhimento para dentro de

si ea queima de tudo aquilo que é fútil e superficial para, a partir daí renascer e ter a consciência de uma nova escolha libertadora e autêntica, para algo valoroso e que dê um sentido para uma vida nova. Leonardo Boff exemplifica a crise como uma perturbação necessária:

Crise é, portanto, uma descontinuidade e uma perturbação dentro da normalidade da vida provocada pelo esgotamento das possibilidades de crescimento de um arranjo existencial. Por uma decisão, cria-se uma purificação da vida e de sua compreensão, abrindo um novo caminho de crescimento e rasgando um horizonte de possibilidade que moldam um novo arranjo existencial(Boff, 2002, p.25).

Pertence a crise o aspecto dramático e a sensação da perda dos pontos de orientação. Por isso se impõe a coragem de saber esperar o decantamento da água turva. Há momentos na vida em que para subir, se faz mister descer e entrar em crise, pois ela pode ser o nicho generoso, onde prepara-se um amanhã melhor. Mas para isso é necessário aceitar o desafio da espera e ter a oportunidade de amadurecimento(Boff, 2002, p.47).

2.30 sofrimento como sentido

Podemos relacionar estes momentos de decisão em situação de crise, com os valores de atitudes destacados por Frankl, que são as situações em que a pessoa é capaz de encontrar o sentido em um sofrimento, e nele amadurecer e crescer. Muitas vezes, somente no sofrimento se encontra o sentido para a vida.

O homem só poderá “carregar a sua cruz” quando não mais puder realizar valores criadores, quando não puder mais configurar o destino e ser chamado a realizar os valores de atitude, que consiste em sua essência, no modo como um homem se submete ao irremediável. Até mesmo na atitude autêntica de suportar o infortúnio, de algum modo, já existe uma realização, transformando o sofrimento em um sentido pleno(Frankl, 2003, p.155).

O sofrimento cria no homem, por conseguinte, uma tensão fecunda que Frankl identifica como “tensão revolucionária”. Se uma coisa nos faz sofrer é porque interiormente lhe voltamos as costas, é porque criamos distância entre a nossa pessoa e essa coisa, e isto se dá porque ainda estamos em tensão entre o que “deveria ser” e o que de fato “é”. Na medida em que a pessoa se identifica com o que lhe é dado, por exemplo, um sofrimento imutável, ela elimina a distância que existe entre si e o seu infortúnio, e exclui a fecunda tensão entre o “ser” e o “dever ser” (Frankl, 2003, p.151).

De acordo com Frankl (2003, p.152), considerando, por exemplo, os afetos doloridos do luto e do arrependimento, do ponto de vista utilitarista, os dois parecem sem sentido. Contudo chorar o que se perdeu, como arrepender-se de uma culpa indelével, tem o seu sentido na história interior do homem. O luto por um homem que amamos e perdemos, de algum modo o fará sobreviver, e o arrependimento do culpado é como se o fizesse ressuscitar, libertando-o de sua culpa.

No luto, quando o ser humano vivencia um de seus maiores sofrimentos, Frankl (1989, p. 63) defende que é preciso superar o estado crítico deste momento de crise, é preciso viver o luto. Se uma pessoa está chorando a perda de um de seus entes queridos e a ela é oferecido um tranquilizante, ao fechar os olhos e adormecer diante da realidade, não eliminará o fato de que aquela pessoa morreu.

E esta é a única realidade que interessa: que ele esteja vivo ou morto, não que eu sofra ou não. Causas não são o mesmo que razões. Conforme Frankl, da mesma forma, se você está infeliz e toma uma bebida, isso pode “causar” o desaparecimento de sua infelicidade, mas a razão pela qual se sente infeliz permanecerá, vale o mesmo para o tranquilizante, que do mesmo modo não pode mudar o destino ou fazer cessar o luto de alguém (Frankl, 1989, p.63). Nestes momentos de sofrimentos, de perdas, de sentimentos de desamparo, onde não se pode separar o homem de sua realidade, Frankl aponta para os valores de atitudes, nos quais somente seu agir poderá dar razão e seu sofrimento poderá encontrar um sentido.

3 Espiritualidade: saudade de Deus

Em uma palestra sobre espiritualidade, João Batista Libânio¹⁰ chamou a atenção para ação do espírito de Deus ao longo da história da humanidade. As pessoas encontraram caminhos diferentes para viver esta espiritualidade. Ele destacou que, principalmente em momentos de crises religiosas, a espiritualidade despertou com mais força, e exemplificou: os mártires na igreja primitiva, os monges que foram para o deserto, surgindo a espiritualidade monástica; os movimentos mendicantes, com São Francisco de Assis, que inspirou uma nova espiritualidade, voltada aos pobres. Depois houve a reforma da Igreja, surgiram os Carmelos e assim até chegar os dias de hoje. Interessante é sua afirmação de que as espiritualidades aconteceram de formas diferentes, não porque Deus é diferente, mas porque se diversificaram as pessoas e seus contextos social e cultural.

¹⁰ LIBÂNIO, J. B. **Espiritualidade da América Latina**: Paulinas Vídeo – COMEP-0792 Espiritualidade – série 2 –DVD/248- L694c, n. 191.

Esta exposição sobre a ação da espiritualidade foi para ilustrar como é presente o espírito de Deus nos momentos em que a humanidade mais precisa. E nessa pós-modernidade, época das mudanças sociais, em que se vive a era da produção tecnológica robotizada, quando o homem sente o vazio existencial, Deus suscita uma nova espiritualidade que vem ressignificar o sentido do vazio, este buraco que restou pela falta de Deus, é a própria “saudade de Deus”. Isto se confirma no dizer de Leonardo Boff:

O fato de grandes empresários colocarem questões ligadas à espiritualidade atesta as dimensões da crise que assola. Significa que os bens materiais que eles produzem, as lógicas produtivistas que incentivam, o universo de valores que inspira suas práticas não devem estar sendo suficientes. Há um vazio profundo, um buraco imenso dentro do ser, suscitando questões como gratuidade e espiritualidade, futuro da vida e do sistema-Terra. Esse buraco existencial é do tamanho de Deus. Por isso só Deus é capaz de preenchê-lo (Boff, 2001, p.12).

A espiritualidade está dentro de cada um, esse reflete na relação do homem consigo mesmo (eu interior), com o outro, com a sociedade, com a natureza e tudo o mais que está no mundo, e com o sagrado. É preciso resgatar a espiritualidade que nos transforma, como afirma Leonardo Boff (2001, p.35): “O reino de Deus é a presença transformadora de um Deus que se acercou de nós e veio buscar o que é seu: seus filhos e filhas, para resgatá-los, purificá-los e assim transfigurá-los, a eles e a tudo o que os cerca, a natureza e o universo”.

Quando estamos cheios de Deus, sentimos uma energia, uma alegria, um entusiasmo; e Leonardo Boff faz uma interessante comparação com a palavra entusiasmo que significa: “Em grego, de que se deriva, entusiasmo é *enthusiasmos*, a palavra se compõe de três partes: *en*(em) *thu*(abreviação de *théos*= Deus) e *mos*(terminação de substantivos). Entusiasmo significa, pois, ter Deus dentro, ser tomado por Deus” (Boff, 2008, p. 66).

Esta “saudade de Deus” é confirmada por Leo Pessini (2010, p.16) quando destaca que na pós-modernidade há a existência de sinais da procura de um sentido perdido, e não se trata de um mero saudosismo, mas um esforço de reencontrar o sentido para além do naufrágio, implicando na redescoberta do outro. O próximo por existir é a razão do viver e do viver juntos. O desafio é o sair de si e viver o êxodo sem retorno do compromisso pelos outros, o amor, vivendo também uma renovada “nostalgia do Totalmente Outro”, Deus.

Neste início do século XXI, quando tudo aparentemente convergia para o silêncio da religião, eis que ela explode com uma força nunca imaginada. Conforme Pessini (2010, p.17), o ressurgimento do fenômeno religioso neste início de milênio não deixa de ser surpreendente, e vemos a relevância da religião depois do longo período de marginalização a que a submeteu a razão iluminista.

Há uma explosão religiosa fantástica, manifestada principalmente pela multiplicação de variadas e novas denominações religiosas. Observa-se que nas livrarias, a seção com mais livros e frequentadores é a de espiritualidade/ocultismo/espiritismo e até revistas populares de divulgação científica, têm abordado questões importantes do mundo das religiões, dando ênfase às questões ligadas à espiritualidade e ao Budismo e o poder das crenças religiosas na saúde (Pessini, 2010, p.20).

Pessini, citando Leonardo Boff (2003), diz ser uma das transformações culturais mais importantes do século XXI: a volta da dimensão espiritual da vida humana. O ser humano não é somente corpo e psique, é também espírito. E é próprio do espírito colocar questões radicais sobre nossa origem e nosso destino. E entende a religião na sua essência de espiritualidade, sendo esta a grande gestora da esperança, dos grandes sonhos, de um futuro transcendente do ser humano e do universo (Pessini, 2010, p.19).

Verifica-se que o ser humano, em momentos de dor e de doença, busca na fé e na espiritualidade, o conforto e a esperança para enfrentar estes momentos de crise. O debate da relação entre fé e a cura cresce envolvendo cientistas, crentes e não crentes. Pessini destaca uma pesquisa feita em 2003 pela escritora e jornalista Claudia Kalb, para Newsweek, Washington, que relata que 72% dos norte-americanos é favorável a dialogar com seus médicos sobre fé, e o mesmo número diz crer que, rezando a Deus, pode-se curar alguém, mesmo que não tenha chance de cura. E Deus, que havia sido banido da prática clínica, passou a ser valorizado (Pessini, 2010, p.25).

Porém, as características desta sociedade contemporânea estão enraizadas no modo de viver das pessoas. O fato de estarem buscando o sagrado e a espiritualidade demonstra que perceberam que é preciso cuidar do espírito. Porém, diante da diversidade de opções, escolhem a religião que melhor encaixar em seu modo de vida ou a espiritualidade que melhor lhe convier. E neste sentido, Pessini (2010, p.215) destaca uma religiosidade *light*, onde se encontra um verdadeiro “supermercado da fé”, em que as pessoas montam seu *kit* espiritual, de acordo com suas conveniências e necessidades pessoais, para enfrentar situações difíceis no cotidiano como: estresse, crises, doenças, sofrimentos.

Clodovis Boff contribui neste pensamento quando afirma que, embora haja um processo de secularização, sustentado pelos intelectuais que falavam do “fim da religião”, o povo não deixou de pensar em Deus, de rezar aos santos, de visitar igrejas. As sociedades modernas são, antes, pluralistas e não laicistas, e a conclusão que segue os números e os fatos é uma só: a persistência da religião no mundo moderno (Boff, 2014, p. 427-428).

Porém, não se pode confundir religião com espiritualidade. Segundo Pessini (2010, p. 216), é necessário considerar a importância da religião e a necessidade de diferenciá-la entre as práticas religiosas institucionalizadas e espiritualidade.

A fé cristã mantém uma tensão originária com o religioso estabelecido institucionalmente. A espiritualidade é a grande gestora da esperança humana em relação ao futuro, sobretudo em um contexto no qual grassam a indiferença e o descaso em relação à vida (Pessini, 2010, p. 216).

Tendo em vista o pluralismo religioso da contemporaneidade, a vivência ecumênica e o encontro interreligioso devem ser marcados pelo diálogo, respeito e tolerância, pois são armas protetoras de fundamentalismos intolerantes, que se gabam de defender “Deus” e massacram o ser humano (Pessini, 2010, p. 216). Neste sentido, Pessini realça aspectos importantes da ação de Jesus, que libertou as pessoas das amarras da religião de seu tempo, abrindo-as para Deus: “Jesus foi morto pelas pessoas mais religiosas de então, em certo sentido pagou com a vida pelo seu ateísmo em relação aos valores religiosos institucionalizados de sua época. Foi no fundo acusado de ser demais humano!” (Pessini, 2010, p. 216).

3.1 Bebendo da fonte da espiritualidade cristã

Neste mundo de incertezas, os homens caminham como peregrinos por um caminho fatigante e escuro. Mas Deus bate à porta: “Eis que venho e bato” (Ap 3,20). É preciso abrir a porta do coração e isso só é possível através da fé. A fé é o crer sem ver, é a certeza na escuridão. Deus oferece ao homem o livre arbítrio para escolhê-lo ou rejeitá-lo, mas não o desampara porque Deus é amor e como prova desse amor, entregou seu próprio filho Jesus Cristo, alicerce da espiritualidade cristã: “Eu sou o caminho, a verdade e a vida. Ninguém vai ao Pai senão por mim” (Jo 14,6).

O encontro com Deus dá sentido à vida, porque nele encontramos uma oferta incondicional de salvação que soluciona os grandes problemas que inquietam o ser humano: a falta de amor e a presença da morte. Desse modo, o cristianismo traduz-se em plena humanização do homem (Ballester, 1999, p.54).

A fé cristã não é só admirar a vida de Jesus e os seus ensinamentos; é preciso uma transformação interior, um renascer, e isso implica em não se apegar às coisas deste mundo. É preciso pensar diferente, e ter ações confirmadas pela fé e uma abertura ao próximo: “A fé [...] afirma que a salvação provém do outro, do outro que não sou eu. E que somente neste sair para o outro e no acolhimento do outro pode crescer meu próprio eu” (Ballester, 1999, p.55).

Jesus estimula seus discípulos a não ter medo durante uma tempestade no mar: “Sou eu, não tenham medo” (Jo6,20). Podemos trazer estes ensinamentos para os dias de hoje, principalmente nos dias de tormenta e sofrimento. Porque também Jesus viveu um vazio existencial ao experimentar os limites do ser humano. Ele viveu a noite escura do espírito, já que, traído, negado, abandonado pelos apóstolos, se sentiu abandonado pelo próprio Pai: “Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste” (Mc 15,34). Mas, mesmo assim, obediente ao Pai, entregou o seu espírito nas mãos dele, com toda confiança. Jesus Cristo é o amém, é o sim categórico e incondicional e a certeza do amor de Deus.

Ele ressurgiu e venceu a morte, mostrando que a morte é uma necessidade física, para entrada na vida eterna, cheia de plenitude. A morte é o ponto máximo de todas as fraquezas humanas. Ele veio para libertar o homem deste medo, trazendo a esperança e confiança em Deus; e, vencendo a morte, ele enviou o Espírito Santo para todos que acreditaram e vierem a acreditar nele. “Justificados pela fé, estamos em paz com Deus, por meio de nosso Senhor Jesus Cristo” (Rm 5,1). Também nos momentos de crises apresentados neste trabalho, Jesus vem curar as angústias, doenças e trazer a paz:

No âmbito pessoal, a fé promove a harmonia interior consigo mesmo, com o criado, com os outros e com o grande Outro; o amor que liberta o ser humano de si próprio e dos fatores geradores de estresse, uma vida conduzida segundo o Espírito, que evita desordens e outros fatores que geram doenças, como o ódio que corrói os ossos.[...] o perdão que liberta e dá a paz (Pessini, 2010, p. 171).

Com Jesus, o homem chega a Deus, que é o sentido último de tudo e, por meio dele, esse encontro se torna humanizador: “O homem foi criado a imagem de Deus, tudo que humaniza e contribui para a felicidade é sinal da bondade de Deus” (Ballester, 1999, p.142). E estando em Deus, não há o que temer, mesmo vivendo neste mundo tão incerto e inseguro, Deus mesmo vem nos confortar nas palavras do salmista:

Javé é o meu pastor. Nada me falta. Em verdes pastagens me faz repousar; para fontes tranquilas me conduz, e restaura minhas forças. Ele me guia por bons caminhos, por causa do seu nome. Embora eu caminhe por um vale tenebroso, nenhum mal temerei, pois junto a mim estás; teu bastão e teu cajado me deixam tranquilo (Salmo 23).

3.2 A vida e seus exemplos

Muitas vezes a fé, a esperança e a força chegam até nós através de exemplos de vida de pessoas que passaram por momentos de crise aguda, de perdas irreparáveis, que sofreram,

mas que conseguiram superar, transformando suas vidas de forma plena, e encontrando sentidos autênticos para este novo caminhar. Para tanto tiveram que sofrer uma tensão, aquela que purifica, que faz enxergar a essência de cada valor.

A vida do escritor e psiquiatra Viktor Emil Frankl é um dos maiores exemplos que podemos citar. Nasceu em 26/03/1905 em Viena, Áustria, de família judaica e faleceu em 02/09/1997. Foi prisioneiro no campo de concentração de Auschwitz, na segunda Guerra Mundial, durante três anos. Perdeu sua família: o pai, a mãe, o irmão e a esposa, que morreram em campos de concentração ou em crematórios, exceto sua irmã. Observou a si mesmo e as demais pessoas e seu comportamento na situação-limite do campo de extermínio nazista. Tendo perdido tudo que era seu, com todos os seus valores destruídos, sofrendo de fome, frio e brutalidades, tocou na essência do ser humano, usando a capacidade de transcender, manteve a liberdade interior e desta maneira buscou o sentido da vida. Transformou seu sofrimento em sentido, dando apoio aos companheiros do campo. Ao sair, fundou a Logoterapia, chamada de “Terceira Escola Vienense de Psicoterapia”¹¹ e pôde ajudar milhões de pessoas na questão do sentido da vida, com seus livros, traduzidos para 27 línguas, incluindo chinês e japonês e suas conferências, inclusive no Brasil em 1984 (Frankl, 1991, contracapa e p.7).

Outro exemplo de superação, através da espiritualidade, é o caso do juiz Salem Cury, que perdeu sua família, mulher e dois filhos em um acidente e entrou em crise profunda. Sofreu, chorou, pensou em suicídio. Depois de viver esta tensão, após um sonho intenso com Deus, sentiu-se amparado e acolhido e fez do seu sofrimento uma missão: ajudar outras pessoas que também passaram por isso. Escreveu o livro “Nunca desista de viver” e procura ser um mensageiro da esperança:

Em um dado momento da vida, eu desisti de viver. O preço para continuar era muito alto. Chegou a ser um valor inestimável. Talvez devesse, mas não conseguia pagá-lo. Quando pensei que, por uma razão ou outra, Deus também poderia ter desistido de mim, compreendi que ele me conduziu por caminhos desconhecidos, justamente para que, através dessas veredas, eu pudesse conhecê-Lo de forma tão íntima (Cury, 2009, p.188).

Também o caso de uma pessoa aqui chamada pelo pseudônimo de Maria, 60 anos, que mesmo estando com a saúde debilitada, com problemas de coluna e tendinite no braço, cuidou de seu irmão, solteiro, mais velho, 76 anos, que estava esclerosado e com mal de Alzheimer. O mesmo estava completamente dependente dela, para se alimentar, para o banho e

¹¹ A primeira Escola Vienense de Psicoterapia é a Psicanálise de Freud e a segunda é a Psicologia Individual de Adler (Frankl, 1991, contracapa).

necessidades. Ela havia prometido à mãe que cuidaria dele e, portanto, assumiu o seu sofrimento como uma missão; e por isso não demonstrava o sofrimento que estava passando. Pelo contrário era ela quem tinha sempre uma palavra de conforto, de carinho para quem estivesse precisando.

Maria buscou em Deus e na espiritualidade as forças necessárias para seu sofrimento, chegando a ter forças físicas superiores a seu corpo para carregar o irmão quando este precisava. Ela ficou triste quando ele se foi - o sentimento normal do luto -, mas tinha certeza que tinha feito tudo que lhe foi possível e, por isso, se sentiu plena de sentido.

Estes são exemplos de sentido de vida, de transformação na crise por meio do sofrimento. No entanto, não é necessário passar por momentos de sofrimentos para se dar o real sentido à vida. A vida, por si só, já é plena de sentido, pelo simples fato de estarmos vivos.

Conclusão

Esta pesquisa possibilitou verificar que podemos vivenciar sentidos autênticos, mesmo em um mundo tão materialista e com valores tão diversos. Mas, para isso, faz-se necessário que o homem olhe para além de si, viva a transcendência apontada por Viktor Frankl. Quando se olha para o “outro”, seja ele uma pessoa, um bem comum, a natureza, ou mesmo um sofrimento, emerge-se um eu autêntico, consciente e capaz de assumir aquilo que realmente dá sentido. E como colocou Leo Pessini (2010, p.16), o desafio é sair de si e viver o êxodo sem retorno do compromisso pelos outros. É viver a espiritualidade transformadora que Leonardo Boff destacou, também com um olhar que transcende para o outro.

E foi esta a resposta encontrada na grande maioria dos autores pesquisados: “um olhar para o outro”, abrir o coração para se autotranscender. É como uma semente plantada no escuro da terra, que, ao despertar de um pequeno ramo, com a luz que enche de energia e calor, vai se abrindo aos poucos e crescendo até se tornar uma imensa árvore, oferecendo oxigênio, frutos, flores e sombra. Assim é o homem na pós-modernidade: vive no escuro de si mesmo, olhando somente para si e seus desejos. É preciso despertar, deixar a luz entrar, enxergar além de si e tudo mais virá por acréscimo: a alegria, o sentido, a força para lutar e poder transpor os obstáculos que a vida naturalmente nos oferece. E na espiritualidade cristã, vimos que Jesus já havia dado a mesma resposta, há mais de dois mil anos, por meios dos dois mandamentos: “Ame o Senhor, seu Deus, com todo o seu coração, [...]; e ao seu próximo como a si mesmo” (Lc 10,27).

Eis a resposta que continua valendo para os nossos dias: o Outro (Deus), o próximo.

A pesquisa bibliográfica possibilitou verificar, também, que há um diálogo fecundo entre os pensamentos de Viktor Frankl e Leonardo Boff, quando os dois apontam a transcendência como caminho, o primeiro através da fenomenologia e o segundo por meio da espiritualidade.

Os temas tratados neste artigo são de atual relevância, pois novas subjetividades e novos comportamentos são produzidos, à medida que acompanham a evolução da humanidade. É possível que as futuras gerações tenham mais consciência sobre “o outro” (pessoa, natureza, bem comum) e lhe proporcione um real valor; ou talvez não, e neste caso declinaria para total indiferença. Por isso estes temas precisam ser continuamente aprofundados em novos estudos, apostando nos pensamentos reflexivos e procurando respostas que possam apontar um caminho, uma direção, enfim, um sentido.

Referências

BALLESTER, Martín Gelabert, **Cristianismo e sentido da vida humana**. São Paulo: Ave Maria, 1999.

BARTH, Wilmar Luiz. O homem pós-moderno, religião e ética. **Teocomunicação** – Revista da Teologia da PUCRS, v.37, n. 155, 2007.

BAUMAN, Zygmunt. **Tempos Líquidos**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

BÍBLIA SAGRADA: Edição Pastoral: São Paulo: Paulus, 1990.

BOFF, Clodovis. **O livro do sentido: crise e busca do sentido hoje** (parte crítico-analítica), volume 1. São Paulo: Paulus, 2014.

BOFF, Leonardo. **Homem: Satã ou Anjo Bom?**. Rio de Janeiro: Record, 2008.

BOFF, Leonardo. **Ethos Mundial: um consenso mínimo entre os humanos**. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

BOFF, Leonardo. **Crise: Oportunidade de crescimento**. Campinas: Verus, 2002.

BOFF, Leonardo. **Espiritualidade: Um caminho de transformação**. Rio de Janeiro: Sextante, 2001.

CURY, Salem. **Nunca desista de viver**. São Paulo: Lua de Papel, 2009.

FODASE, Pedro. **O humano e o fenômeno religioso**. Disponível em: <<https://www.passeidireto.com/arquivo/978592/senso-religioso---pe-paulo---design-1/10>> Acesso em: 05 jun. 2015.

FRANKL, Viktor E. **Psicoterapia e sentido da vida**: fundamentos da logoterapia e análise existencial. São Paulo: Quadrante, 2003.

FRANKL, Viktor E. **Em busca de sentido**: um psicólogo no campo de concentração. Tradução Walter O. Schlupp e Carlos C. Aveline. Petrópolis: Vozes, 1991.

FRANKL, Viktor E. **A questão do sentido em psicoterapia**. Campinas: Papirus, 1990b.

FRANKL, Viktor E. **Psicoterapia para todos**: uma psicoterapia coletiva para contrapor-se à neurose coletiva. Petrópolis: Vozes, 1990a.

FRANKL, Viktor E. **Um sentido para a vida**: psicoterapia e humanismo. Aparecida: Santuário, 1989.

FRANKL, Viktor E. Entrevista. In: **O que não está Escrito nos meus livros**: Memórias, de Viktor E. Frankl. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=6LpO-xe3Guw>>. Acesso em: 01 maio 2015.

KUMAR, Krishan. **Da Sociedade Pós-Industrial à Pós-Moderna**: Novas teorias sobre o mundo contemporâneo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

LIBÂNIO, J.B. SJ. **Espiritualidade da América Latina**: Paulinas Video – COMEP-0792 Espiritualidade – série 2 – DVD/248- L694c, n.191.

LIPOVETSKY, Gilles. **A Era do Vazio**: Barueri: Manole, 2005.

PESSINI, Leo. **Espiritualidade e arte de cuidar**: o sentido da fé para a saúde. São Paulo: Paulinas/Centro Universitário São Camilo, 2010.

RUBIO, Alfonso García e AMADO, Joel Portella (orgs). **Espiritualidade Cristã em tempos de mudanças**: contribuições teológico-pastorais. Petrópolis: Vozes, 2009.

SIBILIA, Paula. **O Show do Eu**: a intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

SILVA, Marco. **Os sintomas contemporâneos que elevam ao ato de suidar-se**. Disponível em: <http://www.webartigos.com/artigos/os-sintomas-contemporaneos-que-elevam-ao-ato-de-suicidar/109178/>. Acesso em: 05 maio 2015.

SILVIO, Daniel. **Alienação em Massa**: Preocupações. Disponível em: <http://www.opovo.com.br/app/opovo/jornaldoleitor/2012/02/04/noticiasjornaldoleitor,2776875/alienacao-em-massa.shtml>. Acesso em: 04 jun. 2015.